

Evgen Bavcar: um olhar além do visível

“De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa um instante preciso. Lidamos com o que desaparece e com o que é impossível de reviver, donde a nossa angústia e também a originalidade essencial de nossa profissão... O que há de mais fugaz do que a expressão de um rosto?”

Henri Cartier-Bresson, fotógrafo

Evgen Bavcar é mais um desses “capturadores” de instantes do “visível”, é um fotógrafo que, como os demais, busca a repetição mecânica de um instante que poderá nunca mais repetir-se existencialmente, mas que o faz, com uma peculiaridade que o difere de todos os outros na sua profissão: ele não pode “ver” sua fotografia. Cego desde os 11 anos devido a um acidente, Bavcar nasceu em 1946 na atual Eslovênia, ex-Iugoslávia, e, além de fotógrafo, é doutor em Filosofia da Estética pela Universidade de Paris e teórico da Arte. Atualmente, também acumula a função de pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa Científica-CNRS.

O primeiro contato de Bavcar com a câmera fotográfica deu-se apenas quatro anos após a perda da visão, quando, na adolescência, quis retratar a jovem por quem havia se apaixonado; ele se recorda até hoje do prazer experimentado na ocasião, sentido pelo fato de ele haver conseguido “fixar” em uma película alguma coisa que, de fato, não lhe pertencia. Foi a descoberta da capacidade de poder reter e possuir o que não podia mais enxergar. Depois de formado em História e em Filosofia, estabeleceu-se em Paris, iniciando uma carreira acadêmica que seria seguida de perto por sua crescente atividade fotográfica. O ápice de seu reconhecimento como fotógrafo foi em 1988, quando foi nomeado Fotógrafo Oficial do Mês da Fotografia da Cidade Luz; desde então, seu trabalho tem sido amplamente exibido, principalmente na Europa.

Na obra de Bavcar, podemos perceber claramente uma relação íntima entre a visão, a cegueira e a invisibilidade: seu trabalho, como ele mesmo costuma definir, consiste em reunir o mundo visível ao “invisível”. Mas por que um cego se interessa em fotografar o que não vê? Qual seria sua motivação, seu objetivo, ao fazê-lo? Essas questões podem nos intrigar, mas, para Bavcar, elas têm uma resposta relativamente simples: a fotografia é sua maneira de “perverter” o método de percepção estabelecido entre as pessoas que enxergam e as pessoas cegas.

O espanto natural suscitado pelo fato de um cego fotografar, porém, pode nos levar ao descuido de focarmos nossa atenção apenas em suas imagens visuais, esquecendo a íntima relação que elas têm com seu pensamento filosófico. Bavcar é um fotógrafo, mas é também um filósofo: um pensador do estético, naturalmente, mas também, e indissociavelmente, um pensador da origem, de onde supostamente brotariam todas as imagens, as palavras, os pensamentos.

Na verdade, o desejo de Bavcar pela imagem é fruto de seu desejo de consolidar sua existência. “Quando nós imaginamos as coisas, nós ‘existimos’”: com essa afirmação ele verbaliza seu pensamento de não poder pertencer a este mundo se não puder imaginá-lo a sua maneira. Ele completa: “quando uma pessoa cega diz ‘eu imagino’, ela quer dizer que consegue ter uma representação interna de uma realidade exterior”. Por isso, toda foto que tira é previamente organizada com perfeição em sua cabeça antes de ser “clorada”. Para retratos, ele costuma nivelar a máquina pela altura de sua boca; assim, costuma fotografar todas as pessoas com quem conversa. O foco automático da máquina ajuda, é evidente, mas para ele é só uma facilidade, não uma obrigatoriedade: ele também costuma fotografar manuseando manualmente o foco. Nesses casos, ele mede a distância entre ele e a pessoa com as mãos, e o resto, diz ele, é feito pelo “desejo interior” pela imagem. O fotógrafo tem consciência de que sempre alguns detalhes acabam lhe escapando; ele garante que essa distração também é uma constante nas imagens dos fotógrafos videntes. Entretanto, ele reconhece depender dos outros para obter suas fotografias; as paisagens ou qualquer outra coisa que esteja a sua frente são geralmente descritas a Bavcar por seus acompanhantes. Porém, é uma limitação pequena ante seu desejo de imagens. Evgen não pode ver e, portanto, se utiliza de outras formas de percepção. Ele apela para outros sentidos; ele próprio costuma dizer: “eu fotografo contra o vento”. Através do vento ele pode sentir o cheiro das coisas, ouvir os ruídos emitidos, o vento indica onde as coisas estão... o vento faz com que Bavcar possa “ver”. E é essa sua visão, trazida pelos outros sentidos, que experimentamos ao nos deparar com suas imagens. Por isso, seu ato fotográfico é, antes, uma obra de arte: porque ele pode nos revelar a visão daquele que não vê, daquele que não pode nem mesmo ver o produto visual de sua própria visão. Contudo, visto que o “visível” e o visual são duas experiências distintas, não há mesmo razão para que o cego não possa produzir suas próprias imagens, sejam elas fotográficas ou não. A criação de imagens torna o cego mais “visível” para os videntes. Ao fotografar sem o auxílio de sua visão física, Bavcar nos permite também “ver” o invisível. Nisso consiste a verdadeira força de suas imagens. Elas são frutos das imagens físicas que Bavcar carrega em sua memória, combinadas com a inquietante dualidade luz/escurecimento, e são resultantes dos sentidos que Bavcar, por causa de sua cegueira, desenvolveu mais e melhor que nós, que somos privilegiados pela visão, mas também mal acostumados com a enxurrada de imagens com as quais temos que lidar todo o tempo... por serem uma constante em nosso cotidiano, elas não nos deixam a mesma impressão física que causam em Bavcar, impressão que ele fixa e registra em suas fotos.

Para Evgen Bavcar, todos nós temos uma necessidade de reunir imagens para que possamos criar um espelho interior, em outras palavras, um *speculum mundi*, que possa expressar nossa atitude junto à realidade que permeia nosso corpo. O desejo por imagens, conseqüentemente, é o trabalho interno que consiste em criar, baseado em cada um de nossos pontos de vista válidos, um possível e aceitável objeto para nossa memória. Nós só podemos ver o que conhecemos: não há visão além desse conhecimento. O desejo por imagens reside na antecipação de nossa memória e no “instinto ótico” que procura se apropriar do esplendor do mundo, sua luz e sua escuridão.